



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**MÁRIO DE ANDRADE E WALTER BENJAMIN: PARALELISMOS  
NA COMPREENSÃO DA CIDADE MODERNA**

Eloísa Pereira Barroso\*

Considerada por Simmel como o ponto de encontro do homem entediado e desiludido, a cidade é vista como o lugar onde tudo acontece. Tida como um conglomerado de pessoas, ela passa por inúmeras mutações em que as contradições são permitidas, o espaço urbano é o espaço dos contrários. Detentora de um fator extraordinário de potencialização, a cidade grande cria sempre condições para vivências espiritualistas, psicológicas e intelectualizadas para uma razão objetivada do indivíduo. O mundo citadino ativa o sistema sensorial e a subjetividade humana, nele há a possibilidade para o cosmopolitismo. Na cidade a criação e a abertura para o campo da cultura não se restringem ao regionalismo puro e simples. Ela é o lugar onde habitam variedades infindáveis de vozes e cidadãos do mundo.

As grandes cidades são, antes de tudo, o local da divisão do trabalho. Nelas a diversidade cultural é cultivada, pois há uma congruência de fatores variados no sentido de propiciar situações que facilitam a sensibilização do homem para pensar e criar, enfim, para cultivar a cultura moderna. Assim a cidade torna-se o lugar onde se dá a divisão do trabalho de maneira minuciosa e sofisticada. Ela é, portanto, o rosto, cuja expressão sintetiza a sociedade moderna.

\* Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade de Brasília e diretora da região Centro-Oeste da AHBO.

Walter Benjamin enfatiza a cidade como sendo uma instituição deslocada do mundo vivido e não como uma junção de indivíduos, em verdade ela tem a dimensão de uma utopia. A cidade é algo absolutamente racional, funcional e manipulado. Ela tem uma capacidade inigualável de apreender relações e comparações num fluxo narcotizante. O espaço urbano é o lugar onde se prioriza a superposição do eu, nele é invocada uma capacidade dialética de crítica e ao mesmo tempo de anestesia frente aos acontecimentos. Na cidade a razão é entendida como instrumento básico no qual o progresso é um ponto a ser buscado.

Nesta situação Benjamin recorre sempre ao passado, pois o considera instrumento material na reflexão do presente. Para ele o passado tem que ser retratado dentro de seu contexto, visto como um contínuo de representações presentes, onde o uso de imagens passadas tem o intuito de extrair um contexto para experimentar outro contexto. Esta posição, embora pareça contraditória, exprime o conceito de modernidade do autor. Benjamin caracteriza a modernidade como a perda do tempo vivido, a mesma está sempre em consonância com a antiguidade numa relação dialética que assinala uma época.

Assim, a modernidade torna-se fascinante pelo seu caráter de permissividade. Nela é possível visualizar o eterno no que parece transitório. A modernidade em Benjamin é entendida a partir da ideia de passageiro, de fugidio, enfim, a modernidade se caracteriza pela reflexão do presente no que já existe.

Nessa incursão que faz para refletir questões referentes à modernidade, Walter Benjamin incorpora aos seus estudos a figura do flâneur, que com seu olhar alegórico percorre as cidades no meio das multidões. O flâneur contempla e observa a cidade através de um véu de proteção oferecido pelas massas. Isso lhe propicia um caráter ocioso de observador, que passeia indolentemente por todos os lugares, protegido por um olhar ingênuo no qual se considera capaz de resistir ao convite sedutor das multidões e não perder sua autonomia e personalidade. Nesse sentido, o flâneur torna-se prisioneiro do sonho de sua época, numa espécie de miragem oferecida pela instauração da modernidade e suas contradições. Ao preencher o vazio criado pelo seu próprio isolamento, o flâneur inventa desconhecidos e rompe o isolamento insensível do indivíduo em seus interesses privados.

O flâneur reivindica para si uma justificação do particular para sua permanência e participação contínua na figura de um *dandy* que contempla e observa absorto no seu

modo lento o movimento da rua, pois para ele “a rua se transforma em interior, e está em casa entre as fachadas, como o particular entre as paredes”. (BENJAMIN, 1968: 14). É esta inquietude das ruas, relatada por Simmel, e dos habitantes da cidade, que vêm sem ouvir, apertados na multidão que o flâneur quer se contrapor. Mas ao mesmo tempo não consegue se desprender, pois este acha que não pode ser corrompido pelas massas, as quais observa. Porém, essa autonomia do flâneur é desmentida pelo desenvolvimento do capitalismo. Ao vagar pelas galerias de Paris, basicamente, este se depara com as vitrinas, seu último refúgio. Nelas estão expostas, de um lado e de outro, as mercadorias. Essa visão provoca no flâneur uma empatia pela mercadoria, isso acaba por lançá-lo na massa transformando-o na própria mercadoria. Essa imagem do flâneur, recuperada por Benjamin na poesia de Baudelaire, não é redimida de sua dialética. Quando excursiona pelas galerias parisienses, Benjamin recolhe todas as vozes presentes na rua, para assim conferir um retrato analítico da cidade moderna. O jogador, a prostituta e o trabalhador, todos são observados na mesma intensidade. Tudo e qualquer coisa têm serventia, tanto para o fazer histórico, como para o entendimento da modernidade.

Assim como Baudelaire, Benjamin vê a multidão como ponto de refúgio da cidade grande. Nesse aglomerado de pessoas o flâneur se esconde, mas se afasta, mesmo sendo ela, a multidão, essencial para ele. O flâneur pertence ao mundo, à multidão, embora tenha a ilusão de que é possível o distanciamento, já que a rua o conduz a um tempo desaparecido. Em síntese a dialética da flânerie se constitui com a seguinte imagem:

“é por um lado, o homem que se sente olhado por tudo e por todos, simplesmente o suspeito; por outro lado totalmente insondável, o escondido. Provavelmente é esta a dialética que o homem da multidão desenvolve”.(BENJAMIN, 1968: 190).

Com o seu estudo nas Passagens, Walter Benjamin confere ao mundo uma análise minuciosa de Paris, onde apresenta o desenvolvimento capitalista incompreendido pelo burguês. Benjamin transforma Paris em um observatório onde apreende a política dominante e os princípios de sua formação societária. Através de uma relação histórica, ele trava nas passagens um relato no qual explicita uma organização própria para a cidade. O relato salienta as condições urbanas e arquitetônicas para a criação de alegorias da metrópole moderna. Nesse percurso, em que explora Paris e suas passagens, o autor decifra nas estratégias dos aglomerados humanos, o elemento capaz de permitir a

manutenção do circuito da mercadoria. Benjamin acaba por nos apresentar uma cidade na qual as condições da vida cotidiana condicionam uma existência que oscila entre as relações inevitáveis dos tipos encontrados, indo desde o vendedor ambulante até o mais elegante freqüentador da ópera.

O espetáculo oferecido por Benjamin, só ocorre devido a sua entrega absoluta à cidade de Paris. Recolher as vozes das ruas parisienses só é possível devido ao seu total abandono ao espaço urbano. Nessa entrega, ele partilha com o leitor a sensação inebriante de percorrer com calma as ruas da cidade. É nessas ruas que ele absorve e, ao mesmo tempo, é absorvido por um sentimento ébrio ao qual se doa numa empatia frente à multidão, assumindo as propriedades do fetiche da mercadoria. Nessa entrega Benjamin faz surgir aos nossos olhos a Cidade Luz em um momento único. Há um retrato singular dos labirintos, dos bairros e, sobretudo, da organização política e econômica e, como não poderia deixar de ser, como se dava a paradoxal relação da mercadoria no que concerne ao seu valor de uso e seu valor de troca no circuito da multidão.

Essa densidade literária, já vista por Benjamin nos poemas de Baudelaire, sobre a cidade de Paris, envolve uma diversificação especial, o que chama atenção por antecipar questões relativas às ciências sociais. É importante ressaltar que a literatura, embora não tenha compromisso com a análise fidedigna do real ao longo dos anos vem se tornando uma fonte importante para o conhecimento da realidade social. No Brasil essa premissa é de extrema importância, pois até meados do século XX o pensamento social estava estreitamente ligado à produção literária. As grandes formulações de questões sociais, os grandes debates intelectuais tinham como partícipes os escritores. Estudar o pensamento social brasileiro é também conhecer sua literatura. Em terras nacionais não é possível descartar a linguagem verossímil dos textos literários. A arte e o estranhamento encontrados nos textos ficcionais recheados de linguagem metafórica, guardada a devida proporção literária, são importantes fontes documentais dos mais variados aspectos que compõem a estrutura da sociedade brasileira.

E como não poderia deixar de ser a questão urbana brasileira, também está tematizada na literatura. Assim como Walter Benjamin recorre a Baudelaire para estudar Paris, vários escritores brasileiros fizeram das cidades o palco para a produção de seus escritos. Muitos viajaram pelo submundo, pelas avenidas largas, pela arquitetura... recolhendo material para criação. As vozes das personagens ou do eu lírico emergem de lugares miúdos, dos guetos, do subúrbio ou dos centros urbanos. Estes textos, produzidos

pelos homens da literatura, ajudam a formar outras imagens das cidades, principalmente aquelas que os documentos oficiais se recusam a mostrar, ou seja, o indivíduo em suas vivências cotidianas. Nesses textos as cidades são possuidoras de sentimentos, de sensações, enfim, de alma e de espírito.

As artes, a arquitetura, o urbanismo e o regionalismo motivaram a escrita de vários intelectuais. A literatura ao retratar os costumes sociais e políticos, lançou diversos nomes no debate social. Nomes estes que viriam a marcar o panorama das ideias nacionais e da produção de pesquisa dentro da sociologia urbana. Dentre esses nomes está Mário de Andrade.

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em São Paulo, no dia 09 de outubro de 1893 e faleceu em 25 de fevereiro de 1945. Militante na área cultural atuou intensamente nas artes musicais e na literatura. Foi diretor do Departamento Municipal de Cultura, em São Paulo; durante sua direção do Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal, organizou o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Professor do Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, cronista, poeta, romancista e pesquisador do folclore, da música e das artes plásticas nacionais, Mário participou ativamente da Semana de Arte Moderna e da produção de pesquisas sobre as tradições da cultura brasileira.

As ideias de tradição, nacionalidade e originalidade, depois de Mário, passaram a permear a discussão para a formulação de um racionalismo estético na área da cultura e do entendimento da realidade social no Brasil. No conjunto da obra de Mário de Andrade é possível perceber a constante busca para a resolução das “tensões presentes nas várias dicotomias típicas da modernidade: popular *versus* erudito; particular *versus* universal; arte pura *versus* arte interessada; tradição *versus* passadismo; originalidade *versus* reprodução”. (VELOSO & MADEIRA, 2000: 112). Além disso, é perceptível, na obra deste autor uma constante referência à cultura urbana. Foi à cidade de São Paulo um importante mote para reflexões das estruturas sociais do modo de vida urbano.

Dentre as produções literárias de Mário está *Paulicéia desvairada*, um livro de poemas que tem como motivação a cidade de São Paulo. A cidade aparece no texto com uma função que vai além da função de palco para as manifestações do eu lírico. São Paulo é própria razão de ser do texto.

Com o intuito de “dar uma forma à modernidade e definir a forma da modernidade” paulista, Mário parece compartilhar com Benjamin ao cantar São Paulo. Nos poemas o autor trabalha o discurso da modernização de ponta a cabeça. O poeta detecta, por meio de uma visão adivinhatória, a energia potencial que transformaria a cidade no que ela é hoje. (BOLLE, 1994). Mário de Andrade, juntamente com seus companheiros, foi o primeiro a experimentar São Paulo como uma metrópole desde os seus primeiros dias. Certamente o crescimento urbano e econômico da cidade de São Paulo marcou o início da modernização brasileira.

As transformações de São Paulo ao final do século XIX atingem proporções enormes, a população sofre um aumento quase três vezes maior aos então 44.030 habitantes, em 1893 a cidade se consolida como um forte eixo migratório, sua população passa dos 100 mil habitantes. Devido a esse crescimento espantoso da população, a cidade ganha uma nova malha ferroviária. Isso proporcionou uma ampla dominação da cidade sobre a região cafeeira. Novos serviços públicos foram instalados, indo desde a iluminação aos parques de lazer, tudo isso para servir a população que se assentava na cidade. Essa expansão urbana foi marcada pela defesa modernista da tradição e da consciência nacional. O crescimento industrial de São Paulo traz a baila reflexões sobre o destino do homem brasileiro. Assim é que Mário de Andrade, junto com outros modernistas, explorou temas urbanos sem necessariamente estar preocupado em reivindicar outra ordem social.

Em *Paulicéia Desvairada*, o autor tece uma leitura envolvente, onde nos mostra os fios de uma realidade insólita, aponta reflexões nas quais destaca atributos marcantes de São Paulo. Para captar a alma de São Paulo, Mário observa a cidade, seus olhos vão atrás dos detalhes da arquitetura, do burguês empedernido, das formas geométricas. Para isso a figura do arlequim é usada de forma constante. A cidade se fragmenta desses fragmentos o eu lírico faz emergir as alegorias que justificam a modernidade. A fantasmagoria da cidade se coloca de forma a modelar um centro urbano que se moderniza a luz de um capitalismo industrial que marca a nova forma de vivenciar o modo de vida na cidade.

Ao mesmo tempo em que o eu lírico capta, através de um olhar sereno, reflexivo, investigativo e curioso, os retalhos que compõem São Paulo, há uma espécie de manifesto político violento na escrita de Mário que registra as manifestações de uma modernidade periférica composta de diversas imagens de uma paisagem urbana arlequinada. O registro

das minúcias, das vozes perdidas parece nos poemas de Paulicéia Desvairada, uma tentativa de dar voz às inquietações políticas de uma sociedade que se quer moderna em um país que mal conhece suas tradições.

Os poemas deste livro investem no mundo moderno. O eu lírico celebra uma arte entusiasmada com as grandes transformações. Assim a linguagem se liberta dos grilhões, ela obedece a um fluxo de consciência que não se atrela às regras, não se deixa intimidar pelas rimas ao renegar os versos metrificadas do parnasianismo. A arte parece se entusiasmar por esse mundo moderno que ela canta, não traz em seu cerne a crença na ideia de utopia.

Mário, assim como Baudelaire, moderniza a alegoria. Emprega palavras modernas, urbanas, signos e sinais da vida moderna. Os poemas parecem brotar do caminhar do eu lírico sobre o solo de São Paulo. É no espaço urbano onde o poeta exercita a atividade da poesia. A cidade é o artifício que melhor representa os temores e as glórias modernas. Como uma espécie de bruma artificial, ela é o estrato sobre o qual o poeta vagueia para extrair a expressão efêmera da criação poética. O olhar do poeta não é calejado, não há vícios, desprovido de esperança, o eu lírico descobre os recantos da cidade.

Com a sensibilidade aguçada artificialmente pelas promessas de paraísos, a modernização confere à cidade moderna a falta angustiante do divino e do sagrado. Na falta de deus, o sagrado não é mais possível, sem redenção o homem urbano é ao mesmo tempo carrasco e vítima que pune a si próprio. O desejo é agora feito de contradições. A poesia se alimenta das impurezas da vida urbana. A volúpia do eu lírico ressalta as impurezas dos fragmentos de uma realidade corrompida, para compor a fantasmagoria da cidade de São Paulo.

Em Paulicéia Desvairada, os versos livres guardam, na forma, a essência da realidade urbana. Capaz de criar uma imagem que transcende a realidade contemporânea da cidade, Mário, assim como Benjamin, parte da ideia de efemeridade. Ao perceber a desagregação, a mobilidade da cidade de São Paulo, o poeta vê a possibilidade de mergulhar em si mesmo, ou seja, na transitoriedade constante da modernidade. Há nos poemas uma recusa de cristalização. A própria forma da linguagem se confunde com a enorme rameira que tenta escrever: a instável cidade moderna industrial.

Mário sabe que cabe ao poeta trazer a tona o resultado da consciência estética, para isso enfrenta a consciência do contemporâneo. Ele não propõe uma fuga para lugares exóticos, não tem sequer possibilidade da fuga ao passado longínquo. O mundo da criação está na consciência de si ao enfrentar a máquina do mundo. O eu lírico é parte do moderno, o mundo exterior ao artista é próprio a ele.

Numa espécie de fascínio misturado ao horror, o poeta vê São Paulo se fazendo em uma névoa artificial. E como parte dessa névoa, o homem se reconhece como pedaço dessa cidade que toma forma. Nesse processo de reconhecimento ele percebe sua importância na importância que a cidade tem para ele, pois o eu lírico sabe ser essa criação a possibilidade de sua perpetuação.

A cidade é o alimento para o seu processo de criação. Mário sabe da importância de recolher esse material e transformá-lo em força poética para instaurar o discurso polivalente no qual as diversas vozes podem constituir uma situação dialógica. Isso, por sua vez, indica uma fluidez na linguagem poética, por consequência percebe-se uma ausência de julgamento moral, posto que não há um ponto de vista exclusivo e unificador nessa realidade retalhada, arlequina que é São Paulo.

Ao invés de propor e afirmar uma verdade, Paulicéia Desvairada se constitui como um texto significativo para descobrir São Paulo. Através de seus versos livres, pode-se visualizar um centro urbano importante, em que automóveis, indústrias, ruas comerciais cheias de gente tomam forma. A materialidade da metrópole é cantada, pela ressalva de imagens que reafirmam a intenção do poeta em transpor para o papel a temática social vinculada ao modo de vida urbano.

O conhecimento da realidade social brasileira faz com que Mário não hesite em retratar as contradições sociais. Nos poemas, a opressão, o desencanto, a crítica e a mordacidade da linguagem não titubeiam em aparecer no corpo do poema. Essa opção se justifica no fato dele entender “que a expressão artística deve revelar um compromisso social, e o sentido social da arte...” (VELOSO & MADEIRA, 2000: 116). Para Mário, cabe ao artista dar um sentido público e coletivo na sua prática cultural.

Embora, aparentemente desconexas, as imagens que o eu lírico usa para retratar São Paulo estão unidas por uma analogia recolhida pelos sentidos imposta pela temática da modernidade. Assim na leitura dos poemas passa-se das “flores feitas de original...”



para “trajes de losango” e chega ao “original”... As cores e luzes desembocam em “cinza e ouro”, “luz e bruma” que dão sensações contraditórias de “Forno, inverno morno”.

“As analogias que Mário faz sobre São Paulo muito se aproximam das leituras que Benjamin faz sobre Paris.” A auto-imagem da metrópole brasileira, situada na periferia do mercado mundial, fundamente-se como mostra Mário, tanto no controle sobre as terras mais remotas do próprio país, quanto na dependência em relação às metrópoles de verdade”. (BOLLE, 1994, 34).

As representações de Mário sobre São Paulo incorporam o ritmo de trabalho da cidade, as vozes dos lavradores, dos aristocratas, dos trabalhadores fabris, são apanhadas com destreza. Segundo Bolle (1994) as afinidades entre Benjamin, Baudelaire e Mário de Andrade são muitas. Elas estão expressas no *topos* da metrópole moderna, no ceticismo diante da ideologia do progresso, no cosmopolitismo crítico, na ironia e no sarcasmo das alegorias dominantes. Mário, assim como Benjamin, se apropria de máscaras, sonhos, alucinações, para driblar a censura.

De certo modo, a cidade de São Paulo aparece nos poemas de Mário carregando consigo a fortuna de uma identidade que oscila entre o que é e o que sonhou ser. Numa polifonia de vozes, diversos eus são suscitados em inúmeros sentidos escolhidos pela metrópole para sua inserção na modernidade. Não é de se admirar que a cidade do imaginário representada em Paulicéia desvairada seja pautada pela necessidade de produção e de reforço da identidade nacional. Essa identidade é indissociável da ideia de nação, cuja indeterminação deixa a deriva o cenário citadino, pois a permanente necessidade de um projeto de modernidade que atua diretamente na supressão das ressonâncias do passado colonial brasileiro parece ser um objetivo a ser perseguido. Despojada de qualidades metafísicas, a cidade é o campo de batalha onde se dá o combate decisivo entre o moderno e a tradição.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto Mário, quanto Benjamin, cada um a sua maneira, retrataram a metrópole, São Paulo é a grande protagonista de diversos textos de Mário, Paris é espaço no qual Benjamin reflete sobre as grandes transformações da modernidade na grande cidade moderna.

Mário, ao tornar São Paulo um personagem parece pretender realizar, na modernidade, uma espécie de tentativa de narrar as experiências, numa atitude não pragmática e muito menos utilitária, em que elabora uma certa imagem comum, possível de ser validada no imaginário coletivo. As imagens poéticas criadas sobre a cidade dão vida a São Paulo. A fragmentação da modernidade se correlaciona com a fragmentação da própria *urbs*. De maneira nostálgica e irônica, São Paulo parece emergir sob luzes trêmulas.

Paulicéia Desvairada, com seus poemas carregados de belos efeitos poéticos, pode ser caracterizada como uma espécie de testamento de um homem que fez da cidade o lugar para as reflexões de um grande intelectual. No corpo dos poemas o eu lírico escreve a cidade de dentro. Como uma espécie de meditação, bastante complexa, Mário faz emergir uma São Paulo desencantada, onde o discurso que a descreve investe no novo mito da modernidade: a racionalidade.

Os símbolos e as alegorias presentes em Paulicéia Desvairada permitem a criação de imagens que se movem livremente, reconstituindo os fragmentos que compõem o espaço urbano de maneira a criar uma metáfora da moderna cidade ocidental capitalista, “São Paulo Comoção da Minha Vida”.

Mário de Andrade, assim como Walter Benjamin usa da dialética imóvel para estudar as fantasmagorias da metrópole moderna. Para Benjamin, a relação entre passado e presente se instaurava graças a uma imobilização, o que não quer dizer uma imobilização da dialética, mas uma dialética que surge na imobilidade. A predominância do agora nas coisas é uma relação dialética. Benjamin considera dialéticas as imagens que presentificam o passado, pois elas não estão fora do tempo, e muito menos são fluxos de acontecimentos contínuos, mas são constelações instantâneas. O passado é salvo por um presente que escapa a suas próprias limitações. A imagem da caducidade das coisas surge nos poemas de Paulicéia Desvairada como uma premonição das transformações que a metrópole sofreria ao longo dos anos. Mário coloca sua força poética para fazer emergir a caducidade das coisas diante do modernismo nas grandes cidades. A modernidade nos trópicos encontra nos escritos de Mário os reflexos benjaminianos da representação de metrópole. Ao criticar a utopia européia e construir nos trópicos uma espécie de paraíso, os “galicismos da América” “Paris Arys” são versos de Paulicéia que brincam com o sonho de europeização que sempre perseguiu o brasileiro. Ao brincar com essa alegoria o poeta traduz o sonho moderno tupiniquim: de voltar para a Europa e viver melhor. Ou

seja, Mário de Andrade desenha a imagem da sociedade brasileira, uma sociedade que vive uma modernidade que literalmente “ficou para trás”.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARENGA, Oneyda. *Mário de Andrade, Um pouco*. Editora José Olympio. São Paulo, 1974.

ANDRADE, Mário. *Poesias Completas*. Editora Livraria Martins. São Paulo, 1979.

\_\_\_\_\_. *Aspectos da Literatura Brasileira*. Editora Martins. São Paulo

BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os Modernos*. Tradução de Heindrun K. M. da Silva, Arlete de B. e Tânia J. Editora Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1967.

\_\_\_\_\_. *Rua de Mão Única*. Obras Escolhidas volume II. Editora Brasiliense. São Paulo, 1995.

\_\_\_\_\_. *Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo*. Obras Escolhidas Volume III, Editora Brasiliense. São Paulo, 1995.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é Sólido se Desmancha no Ar: a aventura da modernidade*. Tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Loratti. Companhia das Letras. São Paulo, 1987.

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna, representação da história em Walter Benjamin*. Editora da USP, São Paulo, 1994.

DASSIN, Joan. *Política e Poesia em Mário de Andrade*. Editora Livraria duas cidades. São Paulo, 1978.

DUARTE, Paulo. *Mário de Andrade Por Ele Mesmo*. Editora Hucitec. São Paulo, 1985.

LAFETÁ, João Luís. (org.). *Mário de Andrade*. Editora Nova cultural. São Paulo, 1990.

MADEIRA, Angélica. VELOSO, Marisa. (org.). *Descobertas do Brasil*. Editora UNB. Brasília, 2001.

MADEIRA, Angélica. VELOSO, Marisa. *Leituras Brasileiras: itinerários no pensamento social e na literatura*. Editora Paz e Terra. São Paulo, 2000.